

metro®

SÃO PAULO

Quinta-feira,
25 de abril de 2019

Edição nº **3.000**, ano 12



MÍN: 20°C
MÁX: 29°C

www.metrojornal.com.br | leitor.sp@metrojornal.com.br | www.facebook.com/metrojornal | @MetroJornal_SP



Filme que fecha a saga dos Vingadores, 'Ultimato' promete varrer as demais produções ocupando 80% das salas do país e responder quem vive, quem morre, quem ressuscita e quem, afinal, acaba (ou não) com o megavilão Thanos PÁG. 14

PERGUNTE AO PÓ

No trânsito, carro demora 35% a mais

Estudo compara tempo no congestionamento e no mesmo trajeto com as vias livres PÁG. 02

Orelhão manda o seu recado

Esculturas gigantes combatem o estigma da surdez PÁG. 04

43 mil vagas são fechadas em março

Saldo do ano ainda é positivo com 164 mil novos empregos; comércio demitiu mais PÁG. 10

Timão bate a Chape e avança

Santos também se classifica para as oitavas da Copa do Brasil PÁG. 20

Todos os dias, até o dia 24 de julho, quem for ao shopping Frei Caneca, no bairro da Consolação (centro), vai encontrar orelhas gigantes de gesso sendo pintadas por diversos artistas.

A ação faz parte da Ear Parade, a primeira exposição de arte urbana que chama atenção para a saúde auditiva do mundo.

Idealizada pelo otorrinolaringologista e professor de medicina da USP, Ricardo Ferreira Bento, a exposição busca combater os estigmas da perda de audição por meio da arte. "A população está ficando mais idosa e a longevidade é cada vez maior. Com isso todo mundo vai ter uma perda de audição", disse o médico. Segundo ele, é preciso criar o debate e chamar a atenção para prevenção e tratamento da surdez, principalmente para os mais jovens.

São 66 esculturas de orelhas com 2,4 m de altura decoradas por 50 artistas que transformam a audição em arte e causam a curiosidade dos que passam. "A surdez é uma doença oculta, diferente da cegueira ou das deficiências de locomoção, precisamos gerar a curiosidade e a desmistificação do assunto", comenta Bento.

Aos fins de semana, alunos de fonoaudiologia da USP ficam próximos ao ateliê para conversar com os curiosos sobre os cuidados de saúde auditiva e a adaptação ao aparelho auditivo. "Existe a ideia de que os aparelhos auditivos não adiantam muito, principalmente em pessoas mais velhas, mas ele melhora muito a qualidade de vida das pessoas" disse a estudante de fonoaudiologia Paola May Risetta, de 29 anos.

Artista que se voluntariou para o projeto, Sônia Buttore, de 68 anos, afirma: "Existe resistência em falar desse assunto". Ela conta que já possui problemas de audição e completa: "O fato de usar o aparelho já é discriminatório, a própria pessoa se acha discriminada por usá-lo". Depois de prontas, as obras serão expostas em diversos pontos da cidade até agosto. Após esse período, elas serão leiloadas e o dinheiro arrecadado irá para o Hospital das Clínicas doar aparelhos auditivos em implantes cocleares (que recuperam a audição) para comunidades carentes. ● METRO



12 milhões

De pessoas sofrem com problemas auditivos no Brasil atualmente, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde)

Ear Parade. Orelhas gigantes serão pintadas e depois expostas na cidade para chamar a atenção para prevenção e tratamento da surdez

70 mil

veículos circulam no Minhocão nos dias em que a via fica aberta para o trânsito. O elevado foi inaugurado em 1971

Ruído cai pela metade com Minhocão fechado

Se levado adiante, o projeto da Prefeitura de São Paulo de transformar o elevado Presidente João Goulart em parque irá reduzir pela metade a poluição sonora no Minhocão.

A conclusão está no Mapa de Ruído Urbano do centro, apresentado ontem pela ProAcústica (Associação Brasileira para a Qualidade Acústica) no dia Dia Internacional de Conscientização sobre o Ruído.

As medições mostraram que, quando está aberto aos veículos, o trecho do elevado entre a praça Roosevelt e o largo do Arouche apresenta níveis sonoros entre 69 e 76 decibéis, o mesmo que um aspirador ligado. Já quando está fechado para os carros e livre para o público, como já ocorre durante a noite e nos fins de semana, o volume cai para entre 59 e 70 decibéis.

"Esses 10 decibéis a menos significam reduzir pela metade a sensação de volume sonoro", disse o vice-presidente de atividades técnicas da ProAcústica, Marcos Holtz.

Para o especialista, criar um parque no trecho – que a prefeitura promete entregar em dezembro de 2020 – é uma medida importante para minimizar o ruído, mesmo que um parque não seja necessariamente um hospital ou uma igreja, em termos de silêncio.

"A perturbação é pior quando a poluição sonora se combina com a poluição do ar, como no Minhocão. Além disso, há o fator psicológico. Entre o barulho de crianças brincando e de uma sirene, mesmo que os dois atinjam 60 decibéis, o ser humano entende o som da vida como mais positivo."

Um exame na cidade

Segundo Holtz, o mapa do ruído (realizado com a prefeitura) é como um raio-X e serve para mostrar os pontos em que a poluição sonora é mais intensa e onde o poder público pode tomar medidas mais efetivas. No centro, onde 62 pontos foram examinados, além dos carros, o trem é também uma importante fonte de barulho.

O remédio, de modo geral, é para longo prazo, e envolve a troca da frota por veículos elétricos, a revisão de linhas de ônibus e investimentos em trilhos silenciosos. "Não é possível eliminar o ruído de uma cidade, mas dá para corrigir os excessos para que ninguém precise ficar doente ou mais estressado por conta disso."



ANDRÉ VIEIRA

METRO SÃO PAULO

FOTOS ANDRÉ PORTO/METRO